

Em tempos de crise de sanitária, económica e climática, a eficiência energética é parte da resposta

Gabriela Prata Dias, Head of Copenhagen Centre on Energy Efficiency

São conhecidos os benefícios múltiplos preconizados pela adoção de práticas mais eficientes na procura de energia nos edifícios, na indústria, na agricultura e nos transportes, agora renovados como parte da solução para fazer face a desafios sem precedentes.

A eficiência energética pode contribuir de forma significativa para a descarbonização, através da diminuição de utilização de combustíveis fósseis, reduzindo a contaminação e consequentemente melhorando a qualidade do ar. Só por si este efeito tem impactos positivos na saúde pública, tornando-nos mais resilientes à atividade patogénica. A eficiência energética é uma ferramenta poderosíssima na criação de emprego, assente em cadeias de valor baseadas em negócios locais; também melhora o desempenho dos orçamentos públicos (e privados) através da redução da despesa, permitindo a sua alocação a outras áreas basilares como seja a saúde, a educação, o desporto ou a cultura. A eficiência energética é assim uma componente fundamental nos pacotes de estímulo económico.



As soluções tecnológicas para a implementação da eficiência energética estão também à nossa disposição nos serviços de energia de iluminação, aquecimento, arrefecimento, ventilação e força motriz. Resta apenas aplicá-las.

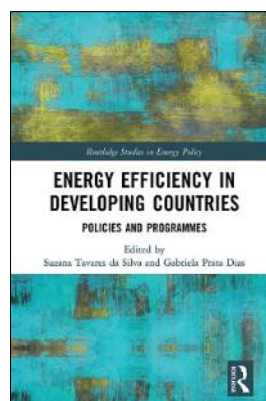
No Centro de Eficiência Energética de Copenhaga, que dirijo, tratamos de promover a implementação destas soluções nos países em desenvolvimento e economias emergentes, ajudando os governos nacionais e sub-nacionais a definir estratégias, identificar e preparar projetos de investimento, para melhorar o seu desempenho global e contribuir para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Com o apoio do Governo dinamarquês e em linha com o Programa das Nações Unidas para o Ambiente, no Quênia apoiamos a definição da sua estratégia nacional de conservação de energia, na Argentina trabalhamos com quarenta municípios na substituição da iluminação pública e na Índia damos apoio técnico na implementação de redes de frio.



Edifício Nações Unidas, Copenhaga

Estas e muitas outras experiências de propagação da eficiência energética no “Sul Global” podem ser consultadas numa colectânea que editei com a Prof. Suzana Tavares da Silva, publicada pela Editora Routledge sob o título *Energy Efficiency in Developing Countries - Policies and Programmes*.

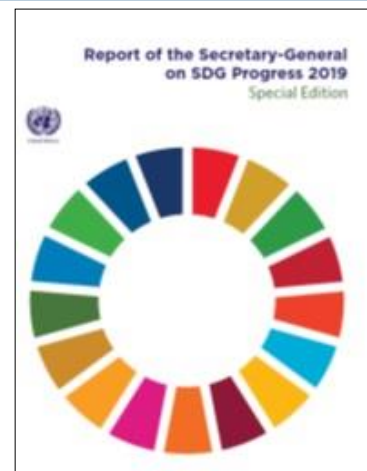
O Centro de Eficiência Energética de Copenhaga, é parte integrante da parceria entre o Programa das Nações Unidas para o Ambiente e a Universidade Técnica da Dinamarca (UNEP-DTU Partnership). Esta parceria conta já com cerca de 30 anos de trabalho em investigação e consultoria, sendo líder internacional na temática do clima, energia e desenvolvimento sustentável. Para saber mais sobre o Centro de Eficiência Energética de Copenhaga, por favor visite <https://c2e2.unepdtu.org> ou siga-nos nas redes sociais



Objectivos para o Desenvolvimento Sustentável: situação da energia (Objectivo 7).

O Secretário Geral das Nações Unidas publicou um [Relatório](#) sobre o progresso, e as falhas, na implementação dos **Objectivos para o Desenvolvimento Sustentável**, tendo em vista à preparação nova Cimeira a realizar em Setembro para avaliar a situação e eventualmente reforçar os compromissos e os meios para a sua concretização. O Objectivo 7 da Agenda 2030 evidencia a importância que tem o acesso à electricidade para uma melhor economia, educação e saúde das populações (ver caixa).

A Agenda **2030 para o Desenvolvimento Sustentável** foi adoptada na Cimeira das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, em 25 de Setembro de 2015 - [Resolução 70/1 da ONU](#), - que estabeleceu dezassete Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS, ou SDG na sigla inglesa). Esta Agenda sucedeu às oito metas para 2015 de combate à pobreza que constituíam os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) adoptados em 2000.



Goal 7. Ensure access to affordable, reliable, sustainable and modern energy for all

7.1 By 2030, ensure universal access to affordable, reliable and modern energy services

7.2 By 2030, increase substantially the share of renewable energy in the global energy mix

7.3 By 2030, double the global rate of improvement in energy efficiency

7.a By 2030, enhance international cooperation to facilitate access to clean energy research and technology, including renewable energy, energy efficiency and advanced and cleaner fossil-fuel technology, and promote investment in energy infrastructure and clean energy technology

7.b By 2030, expand infrastructure and upgrade technology for supplying modern and sustainable energy services for all in developing countries, in particular least developed countries, small island developing States and landlocked developing countries, in accordance with their respective programmes of support.

Recuperação dos efeitos da pandemia

A 'Aliança Europeia para uma Recuperação Verde' publicou um [Manifesto](#) que apela à União Europeia para que as políticas e iniciativas que se seguirão à crise gerada pela actual pandemia sejam conformes ao roteiro estabelecido pelo Green Deal for Europe ([Pacto Ecológico Europeu](#) COM(2019) 640 final e respectivo [Roteiro](#)), devendo a "luta contra a mudança climática" manter-se como "núcleo da estratégia económica".

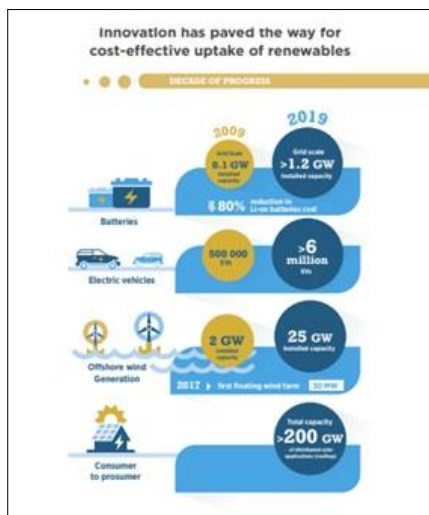
Promovida pelo deputado ao Parlamento Europeu Pascal Canfin (Renew Europe, Grupo Liberais), esta iniciativa visa contrariar vozes que consideram que alguns objectivos e políticas de sustentabilidade do roteiro não serão eficazes e deverão ser secundarizados na fase de recuperação da economia.

"We call on a global alliance of cross-party political decision-makers, business and financial leaders, trade unions, NGOs, think tankers, stakeholders, to support and implement the establishment of Green Recovery Investment Packages acting as accelerators of the transition towards climate neutrality and healthy ecosystems. We therefore commit to working together, sharing knowledge, exchanging expertise, and creating synergies to deliver the investment decisions we need."

O Manifesto está em sintonia com a [carta](#) que 13 ministros do Meio Ambiente e Clima da UE (Áustria, Dinamarca, Finlândia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Portugal, Espanha, Suécia, França, Alemanha e Grécia) enviaram a Bruxelas, apoiando a manutenção do Green Deal como roteiro para os investimentos a realizar para a recuperação da economia no pós-coronavírus – incisivamente intitulada 'Make EU's recovery a Green Deal'

IRENA - 10 Years: Progress to Action

A IRENA (International Renewable Energy Agency) assinalou a sua 10ª Assembleia com a publicação de uma brochura, intitulada "[10 Years: Progress to Action](#)", que ilustra os avanços alcançados pelas energias renováveis entre 2009 e 2019.



Neste período, a energia renovável passou da periferia para o centro das políticas de energia e de desenvolvimento, tendo sido desde 2012 a fonte maioritária da capacidade de geração adicionada. À inovação é atribuído um papel relevante neste resultado (infografia).

No entanto, é preciso que o ritmo de implantação das fontes renováveis acelere muito para que se consiga alcançar, até 2030, o acesso universal a energia limpa, um dos Objectivos do Desenvolvimento Sustentável (SDG7). A IRENA considera que as soluções para alcançar esse objectivo estão acessíveis e disponíveis, e são implementáveis em escala, desde que haja ambição e capacidade de decisão a um nível sem precedentes.

Mais recentemente foi publicado pela IRENA o relatório anual [Renewable Capacity Statistics 2020](#) que apresenta dados muito discriminados a nível mundial e por país.

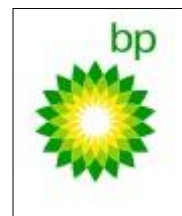
Em 2019 a potência renovável instalada a nível mundial foi 2,6 vezes superior à adição de geração fóssil, representando as energias solar e eólica 90% da nova geração renovável.

A BP apoia a investigação no combate ao COVID-19

A BP [disponibilizou](#) a sua capacidade de supercomputação ao consórcio público-privado, formado em Março de 2020 pelo White House's Office of Science and Technology Policy, o U.S. Department of Energy e a IBM, para a pesquisa contra a propagação do COVID-19.

Este grupo reunirá recursos e experiência da Amazon Web Services, Google Cloud, Microsoft, Hewlett Packard Enterprise, BP e outros, oferecendo aos pesquisadores do COVID-19 em todo o mundo acesso a poderosos recursos de computação de alto desempenho que podem fazer avançar significativamente o ritmo das descobertas científicas na luta contra o vírus.

O Centro de Computação de Alto Desempenho ([CHPC](#)) da BP em Houston abriga um dos maiores supercomputadores do mundo para pesquisa comercial. Possui 16,3 peta [FLOPS](#) de capacidade de computação (permitindo processar mais de 16 milhões de bilhões de cálculos por segundo) e resolver em uma hora um problema que levaria nove anos num laptop. A equipa do Centro inclui especialistas em ciência de dados, matemática aplicada e arquitetura de sistemas. A BP também disponibilizará a experiência de seu Centro de Biociências, localizado em San Diego, Califórnia.

**3ª AMEG interrompido pela necessidade de confinamento**

A 3ª edição do Programa AMEG - Advanced Management in Energy, que se tinha iniciado a 4 de Fevereiro, encontra-se suspensa, de vido à situação de pandemia, desde 13 de Março.

O prosseguimento será reprogramado logo que se voltem a estabelecer as condições adequadas. Esta parceria entre a APE e a AESE Business School voltou a contar com participação de qualificados membros das Empresas nossas associadas, o que tem garantido o sucesso e o bom acolhimento do formato adoptado.

Pelo mesmo motivo, o Secretariado da APE tem estado a funcionar em teletrabalho, mantendo, no entanto, todos os meios de contacto habituais.



A Indústria dos Combustíveis Fósseis e as Alterações Climáticas

A [Conferência Anual da APE](#), realizada em Dezembro passado, teve uma sessão dedicada à transição do mundo dos combustíveis e, em particular, à estratégia das empresas petrolíferas face à descarbonização da economia.

O tema continua a ter toda a actualidade, pois esse sector, apesar do elevado *share* que detém e deterá por decénios no abastecimento mundial de energia, já está a registar impactos significativos resultantes da transição em curso. No *site* do Institute for Energy Economics and Financial Analysis ([IEEFA](#)) surgem alguns artigos com informação sobre este fenómeno, identificando as suas consequências e as estratégias com que as principais empresas mundiais do sector estão a enfrentar os atuais desafios.

Estas dificuldades são percebidas no mundo financeiro e têm já consequências: o sector energético apresenta um fraco desempenho, não representando agora mais que 5% do valor global do índice S&P 500, quando em 1980 representava 28%; vários fundos de investimento reduzem a exposição das suas carteiras ao sector, 'liderados', surpreendentemente, pelo próprio Fundo do Petróleo da Noruega, que diversifica agora os seus activos; novos projectos começam a encontrar dificuldades de financiamento, face a cotações relativamente baixas do petróleo; etc.

Como deverão perspectivar o seu médio e longo prazo empresas que, durante muitas dezenas de anos, geraram o grosso das suas receitas e remuneravam os accionistas, com base na produção de petróleo, quando se antevê a ocorrência de um pico na procura? Em que escala se deverá investir em pesquisa, prospecção e exploração, perante o risco de desvalorização de reservas de hidrocarbonetos que poderão não vir a ser extraídas, gerando *stranded costs*?

Naturalmente, as estratégias de resposta das empresas petrolíferas vão surgindo: maior aposta no gás natural que, contudo apresenta risco de afundamento dos preços por excesso da oferta; maior concentração na área petroquímica; maior esforço em I&D designadamente para produção de novos combustíveis; redução das emissões desde a pesquisa ao consumo final; diversificação de atividades, nomeadamente entrando no sector eléctrico; e procura de investimentos de mais rápido retorno.

São tempos desafiantes para o sector petrolífero, agora sob escrutínio de uma 'suspeição ambiental' - ao mesmo tempo que lhe é pedido que continue a abastecer os mercados de combustíveis que continuam indispensáveis para fazer funcionar as economias nas próximas décadas.



Projecto Europeu de Fabricação de Baterias

A Comissão Europeia aprovou recentemente a criação da **Automotive Cells Company (ACC)**, empresa que vai dedicar-se ao fabrico de células e módulos para baterias, principalmente para veículos eléctricos. A ACC é uma joint venture entre empresas dos sectores automóvel e petrolífero, a PSA/Opel e a TOTAL, esta através da sua filial Saft, fabricante de baterias em França desde há mais de 100 anos e adquirida em 2016 pela Total. O projecto recebe apoio da França e da Alemanha.

Uma instalação piloto deve arrancar em 2021 nas instalações da Saft com um investimento de €200 milhões, seguindo-se em 2023 uma fábrica para 8 GWh, a crescer até 24 GWh. Esta capacidade será replicada na Alemanha, atingindo-se uma produção combinada 48 GWh por ano em 2031.

Este projecto é um fruto da "[European Battery Alliance](#)", lançada no final de 2017, com o objectivo de estabelecer um *standard* europeu competitivo e de elevada *performance* em termos de capacidade e de tempo de carga. Neste âmbito, a Comissão Europeia [autorizou](#) ajudas de estado a um conjunto de iniciativas qualificadas como Projecto Importante de Interesse Comum Europeu. Envolvendo 17 grandes empresas e sete países, além de cerca de 70 SMEs e centros europeus de investigação, foram aprovados apoios públicos que podem atingir 3200 milhões de Euros, a que acrescerão €5000 milhões de investimento privado. Os países são: Alemanha, França, Itália, Bélgica, Finlândia, Polónia e Suécia. Entretanto, fabricantes asiáticos activos de células para baterias também reforçam a sua presença a nível no mercado europeu, como a coreana LG Chem que vai aumentar a capacidade da fábrica que já opera na Polónia (LG Chem Wroclaw Energy) para cerca de 65 GWh até 2022, projecto que obteve um [empréstimo](#) do BEI de €480 milhões, para um investimento total de €1,5 biliões.